

O Senhor Meu Marido

João era casado com Maria e moravam em barraco de duas peças no Juvevê; a rua de lama, ele não queria que a dona molhasse os pezinhos. O defeito de João ser bom demais — dava tudo o que ela pedia.

Garçom do Buraco do Tatu, trabalhava até horas mortas; uma noite voltou mais cedo, as duas filhas sozinhas, a menor com febre. João trouxe água com açúcar e, assim que ela dormiu, foi espreitar na esquina. Maria chegava abraçada a outro homem, despedia-se com beijo na boca. Investiu furioso, correu o amante. De joelho a mulher anunciou o fruto do ventre.

João era bom, era manso e Maria era única, para ele não havia outra: mudaram-se do Juvevê para o Boqueirão, onde nasceu a terceira filha. Chamavam-se novas Marias: da Luz, das Dores, da Graça. Com tantas Marias confiava João que a dona se emendasse. Não foi que a encontrou de quimono atirando beijos para um sargento da polícia?

Triste a volta para casa, surpreendeu o sargento sem túnica pulando a janela. Na ilusão de que Maria se arrependesse, com as economias e as gorjetas de mil noites em pé (ai! pobres pernas azuis de varizes) construiu bangalô no Prado Velho.

Maria, pecadora de alma, corpo e vida, não se redimia dos erros. João virava as costas, ela deixava as filhas com a vizinha e saía pintada de ouro. Amante do motorista do ônibus Prado Velho-Praça Tiradentes, subia gloriosamente pela porta da frente, sem pagar passagem.

Uma noite a casa foi apedrejada — a mulher do motorista se desforrava nas vidraças. Maria bateu nas filhas para que gritassem. Diante do escândalo, João vendeu com prejuízo o bangalô, mudou-se do Prado Velho para o Capanema.

Maria caiu de amores por um malandro de bigode fino e sapato marrom de biqueira branca. Não se incomodava de sair, recebia o fulano mesmo em casa. Era o célebre Candinho, das rodas alegres da noite, já deslumbrava as crianças com bala de mel e mágica de baralho.

João achou cueca de seda estendida no varal — o precioso monograma um C bem grande. Rasgou-a em tiras e chamou a cunhada para que acudisse a irmã. Ai dele, outra perdida. Candinho surgiu com parceiro, que namorava a cunhada feiosa. Maria preparava salgadinhos com batida gelada de maracujá. Fechadas no quarto, as meninas escutavam o riso debochado da mãe.

João não tinha sorte: voltou mais cedo, o amásio lá estava. Açulado pela dona, Candinho não fugiu, os dois a discutir. O marido agarrou a faca dentada de pão. Maria de braços abertos cobriu o amante. João reparou no volume da barriga, deixou cair a faca. Com dor no coração, dormiu na sala até o nascimento da quarta filha — outra Maria para desviar a mãe do mau caminho. Ela saiu da maternidade, abalaram-se do Capanema para o alto das Mercês.

Mulher não tem juízo, Maria de novo com o tal Candinho. Domingo, João em casa, ela inventava de comprar xarope para uma das filhas. O pobre exigia que levasse a mais velha. Lá se iam os três — a dona, o amante e a filha — comer franguinho no espeto. A menina, culpada diante

do pai, só dormia de luz acesa, a escuridão cheia de diabinhos.

João suportou as maiores vergonhas em público e na presença das filhas. Quem disse que a fulana se corrigia? Magro que era, ficou esquelético, no duodeno uma chaga viva.

Recolheu a sogra, mudou-se das Mercês para a Água Verde. Outra vez desfraldadas no arame uma camisa e uma cueca de inicial com florinha. Em desespero João expulsou a sogra. Exibiu a roupa à filha mais velha que se abraçou no pai: ela e as irmãs sozinhas até duas da manhã, enquanto a mãe passeava na rua. Apresentava-se com um senhor perfumado, que oferecia bala de mel. A mãe servia-lhe macarrão com vinho tinto e riam-se à vontade. Não dormia a menina a se lembrar do pai correndo por entre as mesas.

Antes que João se mudasse da Água Verde para o Bigorriho, Maria fugiu com o amante e deixou um recado preso em goma de mascar no espelho da penteadeira:

Sendo o senhor meu marido um manso sem-vergonha, logo venho buscar as meninas que são do meu sangue, você bem sabe que do teu não é, não passa de um estranho para elas e caso não fique bonzinho eu revelarei o seu verdadeiro pai, não só a elas como a todos do Buraco do Tatu, digo isso para deixar de ser nojento correndo atrás da minha saia, só desprezo o que eu sinto, para mim o senhor não é nada.

Dias mais tarde, Maria telefonou que fosse buscá-la, doente e com fome, abandonada pelo Candinho na pensão de mulheres. João era manso e Maria era única: não havia outra para ele. Foi encontrá-la na pensão, feridas feias em todo o corpo. Graças aos cuidados de João sarou depressa. Anúncio de que estava boa — no varal tremulou cueca de monograma diferente.

Sem conta são os bairros de Curitiba: João mudou-se para o Bacacheri. De lá para o Batel (nasceu mais uma filha, Maria Aparecida). Agora feliz numa casinha de madeira no Cristo Rei.

Grávida porém Virgem

Na volta da lua de mel, Maria em lágrimas confessou à mãe que ainda era virgem.

Lembrava dona Sinhara como o noivo se apresentou pálido na igreja, por demais nervoso? Justificou que, filho amoroso, muito se afligia com a mãe doente. No ônibus, a mão suada, e esquecido da noiva, olhava a paisagem.

Primeira noite o varão fracassou vergonhosamente. Foi alegada inexperiência. A estranha palidez na igreja de violenta crise nervosa — a mãe tinha saúde perfeita. Maria iludiu-se que era desastre passageiro. Ai dela, assim não foi: noite após noite João repetiu o fiasco. Arrenegava-se de trapo humano, não tomava banho nem fazia a barba. A pobre moça buscou recuperá-lo para os deveres de estado. Uma noite, envergando a capa sobre o pijama, saiu de óculo escuro, a noite inteira entregue às práticas do baixo espiritismo.

— O que me conta, minha filha! Me nego a acreditar. João, um rapaz tão simples, tão dado...

Dona Sinhara evocava o noivo delicado e de fina educação.

— É para a senhora ver, mãe!

Dia seguinte ao casamento um tipo esquisito, que vivia aflito. Uma feita e outra feita, submeteu a moça a provas de intimidade, as quais não foram além do ensaio.